

Proposta

PIONEIRAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: RELATOS E ANÁLISE

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang – CERU/USP
Eva Alterman Blay – USP

A Universidade de São Paulo foi fundada em 1934, tendo como centro a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras criada na mesma data com o objetivo formar professores para o ensino médio, cuja expansão era requisito dos processos de urbanização e industrialização do Estado de São Paulo. Até então, poucas eram as alunas nas faculdades existentes e a Faculdade de Filosofia possibilitou o acesso a mulheres, oferecendo bolsas de estudo para que professores primários selecionados, em sua maioria mulheres, pudessem cursar a faculdade.

Em comemoração aos 50 anos da fundação da USP, foi realizado um Encontro de mulheres que foram alunas nos primeiros tempos e seguiram a carreira docente. São pioneiras que contaram sua experiência; as narrativas foram gravadas, transcritas e revistas pelas narradoras. Passados 20 anos, os relatos, dados das entrevistas preliminares e fotos foram analisados pelas organizadoras do Encontro, resultando na publicação: Blay, Eva Alterman e Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*, São Paulo, Humanitas, 2004.

Os relatos delineiam a sociedade da época, mostram as novas oportunidades abertas à mulher no contexto do ensino superior, os preconceitos enfrentados na família e sociedade, a luta para vencer obstáculos na carreira docente pelo fato de serem mulheres.

Considerando o aspecto metodológico, o trabalho suscita reflexões sobre questões significativas:

A análise comparativa dos relatos.

Biografia, autobiografia e história oral – relatos autobiográficos.

A questão das temporalidades.

A inserção no contexto.

A posição da mulher.

O estudo de caso.

PIONEIRAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: RELATOS E ANÁLISE

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang – CERU/USP¹
Eva Alterman Blay – USP²

A Universidade de São Paulo foi fundada em 1934, tendo como centro a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras criada na mesma data com o objetivo formar professores para o ensino médio, cuja expansão era requisito dos processos de urbanização e industrialização do Estado de São Paulo. Até então, poucas eram as alunas nas faculdades existentes e a Faculdade de Filosofia facilitou o acesso a mulheres, oferecendo bolsas de estudo para que professores primários selecionados, em sua maioria mulheres, pudessem cursar a faculdade.

Em comemoração aos 50 anos da fundação da USP, durante a Reunião Anual da SBPC, foi realizado um Encontro de mulheres que foram alunas nos primeiros tempos e seguiram a carreira docente. São pioneiras que contaram sua experiência; as narrativas foram gravadas, transcritas e revistas pelas narradoras. Passados 20 anos, relatos, dados das entrevistas preliminares e fotos foram analisados pelas organizadoras do Encontro, resultando na publicação: Blay, Eva Alterman e Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*, São Paulo, Humanitas, 2004.

O contexto na década de 30

A cultura cafeeira que floresceu a partir da segunda metade do século 19 criou as bases para o processo de industrialização e de urbanização do Estado. Embora a região fosse economicamente dominada pela cafeicultura, a indústria apresentava crescimento significativo impulsionada no período da 1ª Guerra Mundial pela necessidade de suprir o mercado interno, especialmente nos setores têxtil e alimentício e a partir de então pela instalação de subsidiárias de grande empresas estrangeiras. A maior riqueza do Estado de São Paulo era ainda o café, que sofreu um revés com a Quebra da Bolsa de Nova York em 1929.

Em 1920, o Estado de São Paulo contava com 34 cidades com mais de 30.000 habitantes e a capital com 580 mil. O crescimento demográfico era significativo, contando

¹ Doutora em Sociologia – Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos / USP - lang@uol.com.br

² Professora Titular do Departamento de Sociologia da FFLCH da USP – eblay@uol.com.br

com a imigração atraída para o café e depois para a indústria, comércio e serviços no meio urbano. Em 1920 a população do Estado de São Paulo era de 4.592.188 habitantes e em 1934, ano de fundação da USP, 6.433.327 habitantes. (Canabrava, 1967)

Considerando o aspecto cultural, em 1920 cerca de 70% da população do Estado de São Paulo não sabia ler e escrever, taxa que diminuiu para 60% em 1940. Na década de 20, a cidade de São Paulo viveu um momento de efervescência com a Semana de Arte Moderna de 1922 que lançou novos paradigmas culturais.

Politicamente, foi um período de mudanças significativas no Estado. Rompera-se o pacto entre São Paulo e Minas na eleição presidencial em 1929, pacto que previa a alternância da presidência entre os dois Estados. O candidato paulista Júlio Prestes venceu, mas o resultado do pleito foi contestado levando à Revolução de 30 liderada pelo gaúcho Getúlio Vargas que assumiu o governo como Chefe do Governo Provisório com o apoio de Minas Gerais e da Paraíba. São Paulo desencadeou a Revolução de 1932 em nome de uma constituição e foi derrotado; o Estado de São Paulo passou a ser governado por interventores nomeados.

As cidades e a indústria crescentes exigiam mão de obra qualificada para os postos de trabalho; tornava-se necessária a expansão do ensino médio e para tal a formação de professores, o que seria feito nas diversas seções de uma Faculdade de Filosofia

Em 1934 o interventor em São Paulo era Armando de Salles Oliveira, integrante do grupo do jornal O Estado de São Paulo. Uma de suas iniciativas foi a fundação da Universidade de São Paulo, tendo como centro a Faculdade de Filosofia criada na mesma data. (Decreto 6283/34 de 25/01/1934)

A criação da Universidade de São Paulo

A Universidade de São Paulo, tendo como centro a Faculdade de Filosofia, incorporou os institutos de ensino superior então existentes em São Paulo: a Academia de Direito criada em 1827, a Escola Politécnica em 1894, a Faculdade Livre de Farmácia em 1899, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz em 1901 e a Faculdade de Medicina em 1913.

Existia na cidade de São Paulo a Escola Presbiteriana de Engenharia Mackenzie criada em 1896 e também a Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento, instituição confessional católica, fundada em 1908.

A Lei Saraiva, em 1879, permitira às mulheres o acesso aos cursos superiores, mas poucas puderam ingressar, pois as Escolas Normais onde estudavam mulheres em maior número, para se tornar professoras primárias, não preparavam adequadamente para os exames; só aquelas que estudavam em escolas particulares ou que tivessem professores particulares estariam preparadas para o exame de ingresso. Até o início da década de 30, foram muito poucas as mulheres que freqüentaram as faculdades então existentes. Em 1933 foi fundada a FFCL “Sedes Sapientiae”, exclusivamente para alunas do sexo feminino, iniciativa da congregação religiosa católica das Cônegas de Santo Agostinho, de origem belga.

A criação de uma Universidade em São Paulo era um projeto que vinha sendo debatido há bastante tempo; a Assembléia Legislativa aprovava em 1927 um projeto de lei que autorizava a criação e instalação da Universidade de São Paulo. Grupos de intelectuais discutiam a proposta, como o Grupo do Estado formado por intelectuais e jornalistas ligados ao Partido Democrático, que nos anos 20 viam a criação da Universidade como meio para formar a elite do país e preparar professores para o ensino médio.

Para a formação do corpo docente da Faculdade de Filosofia foram convidados professores estrangeiros de países e áreas diversas, junto a alguns brasileiros. No primeiro ano de funcionamento, foram poucas as matrículas, sendo atraídos alunos já formados em outras áreas. O Governo do Estado abriu então a possibilidade de ingresso a professores primários da rede pública, que teriam bolsas de estudo. Professores primários formados na Escola Normal, mulheres em sua maioria, aproveitaram a oportunidade que lhes estava sendo oferecida e ingressaram no ensino superior nas diferentes sessões. O ingresso das mulheres em maior número no ensino público superior deu-se então na Faculdade de Filosofia, em suas diferentes seções.

O ENCONTRO “Mulheres na USP: primeiros tempos”

Focalizamos nossa atenção na Faculdade de Filosofia, cujo cinquentenário também se comemorava. Tratava-se inicialmente de encontrar as pioneiras. Pesquisas foram realizadas para a obtenção de informações sobre possíveis participantes e buscamos encontrá-las. Deveriam preencher certas condições: ter sido alunas nos primeiros anos, ter seguido a

carreira universitária, concordar em participar do Encontro onde relatariam sua experiência e ainda, que estivessem em condições físicas e psicológicas para participar.

Para a localização de pioneiras partimos de informações obtidas na Administração da Faculdade, do exame dos anuários da Faculdade, de indicações de inúmeras pessoas ligadas à instituição em tempos posteriores e também de informações das próprias pioneiras na medida em que eram localizadas. Através de contatos telefônicos foi explicada a proposta e marcada uma entrevista.

Cabe observar que estaríamos tratando com vencedoras, aqui consideradas pioneiras. Certamente havia outras que chegaram à mesma posição e ainda aquelas que se formaram mas não seguiram a carreira docente na universidade, ou aquelas que reorientaram suas vidas seguindo outras opções. Encontramos um grande entusiasmo por parte das participantes, que lembraram de outras. Contudo, havia um limite para o tempo disponibilizado pela SBPC para a sessão e precisamos nos restringir a seis pioneiras.

Contamos então com a colaboração de seis pioneiras. Em entrevista preliminar, a proposta do encontro foi apresentada e discutidos os principais tópicos que poderiam ser abordados, de acordo com a visão de cada uma. Buscamos conhecer os traços principais das diferentes trajetórias, obter currículos acadêmicos e fotos. Participaram do Encontro a filósofa **Gilda de Mello e Souza**; a química **Jandyra França Barzagli**; a historiadora **Alice Piffer Canabrava** que foi diretora da Faculdade de Economia e recebeu o título de Professora Emérita da USP; a historiadora **Olga Pantaleão**, fundadora do campus de Marília da UNESP; a geógrafa **Maria Conceição Vicente de Carvalho**; a médica **Verônica Rapp de Eston** cujo relato seria um contraponto àqueles das egressas da Faculdade de Filosofia.

As narrativas pronunciadas no Encontro foram gravadas e encaminhadas às pioneiras para correção e edição. Cabe observar que as narradoras eram todas Professoras Universitárias, com pleno domínio da tarefa de construção de um texto.

Um artigo foi publicado na revista *Ciência e Cultura*³ e o material arquivado por motivos diversos. Depois de vinte anos, quando das comemorações dos 70 anos da USP, o material foi retomado, analisado e resultou na publicação do livro *Mulheres na USP*:

³ Blay, E.A. & Lang, A.B. S. G. "A mulher nos primeiros tempos da Universidade de São Paulo. São Paulo, *Ciência e Cultura/SBPC* v.36, n.12, ,1984, pp.2135-43

horizontes que se abrem (Blay, Eva Alterman e Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo – São Paulo, Humanitas, 2004).

As pioneiras

Gilda de Mello e Souza provinha de uma família de média burguesia de uma cidade do interior, Araraquara, filha de um fazendeiro. Estudou em São Paulo, morando na casa da avó. Ingressou na Faculdade com 18 anos na Seção de Filosofia. Mostrou a ruptura com o modelo de vida tradicional da família que significou em sua vida a entrada na faculdade. Enfrentou o preconceito masculino quanto ao estudo da mulher no meio social, preconceito expresso em brincadeiras jocosas. Falou do fascínio do novo ambiente, dos professores franceses, das aulas com uma nova didática.

Jandyra França Barzagli, química, era de Pirassununga, também interior paulista. Tabus cercavam a condição da mulher na sociedade e na família; mesmo universitária, Jandyra só podia sair à noite acompanhada do irmão. Na Faculdade de Filosofia encontrou outra realidade. Não havia preconceitos à entrada de mulheres, que foram mesmo instadas a ingressar. Contudo, observou que as mulheres formadas em Química tiveram dificuldade no mundo do trabalho.

Alice Piffer Canabrava era professora em Araras. Não visualizava perspectivas para prosseguir os estudos, quando leu no Diário Oficial a notícia sobre a possibilidade de comissionamento para professores primários. Aproveitou a oportunidade. Alice também viu a Faculdade como uma mutação, deslumbrada pelos professores franceses e pela metodologia de ensino que incluía excursões para o conhecimento do meio natural. Na carreira universitária, candidatou-se à Cátedra de História da América. Foi classificada em primeiro lugar, mas a nomeação coube ao segundo colocado que era homem. Transferiu-se para a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativa organizada na época e chegou a Diretora. Recebeu o título de Professora Emérita da USP.

Olga Pantaleão contou da busca da Faculdade pelo espaço onde pudesse se instalar, o que ocasionou mudanças sucessivas. Falou das mulheres provenientes das Escolas Normais que ingressaram na faculdade através do comissionamento. Na vida estudantil nunca percebeu restrições às mulheres. Houve inicialmente a possibilidade das mulheres ascenderem na carreira universitária como Assistentes. Mas a situação mudou quando a disputa era pela Cátedra.

Maria Conceição Vicente de Carvalho formara-se em Química na Faculdade de Engenharia Mackenzie. Não encontrando emprego como química, decidiu tornar professora de Geografia. Com o diploma de Química que possuía, ingressou na Seção de Geografia da Faculdade de Filosofia. Obteve o primeiro título de Doutor em Geografia do Brasil. Não encontrou resistências na Geografia, talvez pela natureza da matéria que incluía excursões onde alunos e alunas enfrentavam as mesmas intempéries. Comentou as dificuldades sofridas por mulheres como Alice Canabrava e Olga Pantaleão que se aventuraram a lutar por postos mais altos na carreira.. Falou da peregrinação da Faculdade por espaços provisório e no impressionante contraste com a Cidade Universitária.

A família de **Verônica Rapp de Eston**, de origem estrangeira lhe deu todo apoio para os estudos. Enquanto aluna encontrou preconceitos velados em observações de colegas que diziam “moça bonita não entra na faculdade”. Analisando sua carreira, observa as dificuldades que enfrentou no concurso de Livre Docência, quando até a bibliografia utilizada chegou a ser contestada. Na carreira médica, as mulheres eram aceitas em campos menos disputados ou em posições subalternas. Aponta a persistência das mesmas restrições, dado que ainda em 1984 nenhuma mulher atingira o posto de Professora Titular na Faculdade de Medicina da USP, apesar da competência que vinham demonstrando.

Considerando de modo especial o aspecto metodológico, o trabalho suscita algumas reflexões:

A análise comparativa dos relatos.

Analisados conjuntamente, os relatos mostram uma mesma realidade e uma experiência semelhante. As pioneiras delinearão a sociedade provinciana da época, falaram da família de origem e de sua formação escolar, contaram como chegaram à Universidade – algumas pelo comissionamento e outras através do exame normal; avaliaram o significado de sua experiência pessoal enquanto alunas e professoras no prosseguimento da carreira, e das reações positivas e negativas encontradas na família, na sociedade em geral, no meio acadêmico e falaram da condição da mulher na sociedade da época e na academia.

Biografia, autobiografia e história oral.

Dentro da ótica de escritos biográficos, há três gêneros distintos, que têm em comum o fato de se basearem na trajetória da vida de uma pessoa. (Pereira, 1999)

A *biografia* é a história de uma vida contada ou redigida por outra pessoa, o autor, que pode se utilizar para tal de fontes as mais diversas.

Na *autobiografia*, é o próprio autor que conta sua vida, fazendo grande uso da memória.

Dentro da metodologia de História Oral, a *história de vida* ou o *relato de vida*, resultam de uma relação dialógica que se estabelece entre entrevistado e pesquisador, visando a construção da trajetória de vida do pesquisado e contando com sua participação. A história de vida visa apreender toda a vida do entrevistado, enquanto o relato de vida se restringe a fatos ou períodos selecionados; diferenciam-se do *depoimento* que tem por foco fatos, instituições ou períodos que se quer estudar e que o depoente vivenciou, testemunhou ou sobre os quais detém informações (Lang, 1996).

Diferentemente de autobiografias que guardam um caráter espontâneo, as narrativas foram suscitadas. Colocam-se entre autobiografias e relatos de vida, entre relatos de vida e depoimentos. Enquanto *autobiografias*, são de autoria das narradoras, mas não resultaram de sua iniciativa, tendo sido suscitadas pelas pesquisadoras; enquanto *relatos de vida*, foram fruto de uma situação dialógica anterior ao preparo do texto, quando os parâmetros foram estabelecidos; além da vivência enquanto alunas e professoras, forneceram importantes informações sobre a criação da USP, as vicissitudes dos primeiros tempos na instalação da instituição e, sobretudo, sobre a condição da mulher na sociedade e na carreira universitária.

Dentro dessa linha de ponderações, os documentos criados a partir das narrativas podem ser consideradas como **relatos autobiográficos**.

A questão das temporalidades

Estávamos frente a três temporalidades: o *passado* a que as pioneiras se referem (décadas de 30 a 60), em um trabalho de rememoração de uma época fechada, na qual o desfecho dos embates e a evolução dos fatos já são conhecidos; o *momento do relato* (1984) quando é feita uma reavaliação do passado e um prognóstico para o futuro a partir do conhecimento do presente; o *momento da análise* (2004), feita pelas pesquisadoras com a reutilização das entrevistas, dos relatos autobiográficos arquivados, fotos, anotações e observações. Um processo que mostra as novas oportunidades abertas para a mulher no contexto do ensino superior, a grande luta para enfrentar os preconceitos e obstáculos a sua entrada na carreira docente. Mas apontando a descoberta de um novo mundo que se abria para as mulheres.

A inserção no contexto

A compreensão da realidade retratada pelos relatos se faz através da consideração do contexto econômico político, cultural e educacional do período a que se referem, que para tal foi delineado. Tratava-se então de inserir o agente em sua circunstância.

Na apresentação do trabalho em forma de livro, os relatos autobiográficos foram mantidos em sua integralidade, conservando sua *Gestalt* (Rosenthal, 1996). Foram inseridos subtítulos para salientar os temas referidos. Observações, esclarecimentos e comentários das autoras foram apresentados em boxes, usando para tal tipo gráfico distinto.

A posição da mulher

Nos anos 30 do século 20, a camada burguesa restringia a atuação da mulher a atividades no lar. Estudar em uma faculdade significava sair desse padrão e enfrentar preconceitos no meio social e mesmo entre colegas, preconceito expresso em brincadeiras aparentemente inofensivas. Certamente outra era a condição de vida de mulheres de classe média baixa levadas por necessidade ao trabalho, das professoras que tinham de deixar sua cidade para lecionar em outra, assim como daquelas que trabalhavam na indústria, no comércio, das domésticas etc.

O preconceito se transforma em oposição aberta quando, no percorrer da carreira, as mulheres galgam degraus como o da defesa da livre docência ou a disputa da Cátedra, representando então uma ameaça ao monopólio masculino sobre as altas posições na carreira e cargos de direção, abertos à mulher apenas em instituições de criação mais recente. Avaliando a oposição de que foi vítima, em 1984 Alice Canabrava pondera:

Não conservei ressentimento com relação aos que se opunham a minha ascensão na Universidade. Excelentes pessoas, situavam-se dentro do seu tempo e do seu meio, expoentes de uma sociedade preconceituosa para com as mulheres. Não se suponha que tenha sido eu o única alvo da discriminação: esta visava a todas. No meu caso, a resistência provocou o desenrolar de todo o processo. (p. 104)

Estudos de caso

Trabalhando com apenas seis relatos autobiográficos, não se buscava representatividade, mas conhecer a vivência dessas mulheres e para tal a opção foi pela diversificação quanto às seções da Faculdade. Os resultados, contudo, indicam direções para outros estudos.

Avaliando a experiência das pioneiras, Blay e Lang (2004) concluem:

“... não encontram apoio na sociedade que procura conservar seu modo de vida ordenado através da subalternidade feminina e não oferece alternativas às novas profissionais. Elas tiveram de lutar dentro de si próprias para superar a ideologia patriarcal na qual foram educadas; lutar para abrir novos espaços de apoio que lhes permitissem trilhar as novas profissões sem abrir mão de escolhas na vida pessoal. (...) E lutar no interior das instituições contra os obstáculos da concorrência e das redes de cientistas que as excluía.

As pioneiras venceram no nível pessoal e, sobretudo, abriram trilhas para as futuras gerações de mulheres e homens.

Conclusão

A metodologia seguida conseguiu revelar, através de seis casos, o panorama da subordinação feminina e os caminhos para superá-la. Ao situar a posição da mulher na sociedade brasileira, a partir dos anos 30, foi possível avaliar os obstáculos sociais que se interpunham à aquelas que queriam avançar em novas carreiras. Os relatos autobiográficos das “pioneiras” são um paradigma das enormes barreiras que, paulatinamente, foram sendo

superadas. Cada momento posterior mostrou que o avanço se dá, cada vez mais, na direção da igualdade de oportunidades para mulheres e homens.

Referências bibliográficas

Blay, Eva Alterman & Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. “A mulher nos primeiros tempos da Universidade de São Paulo”. São Paulo, *Ciência e Cultura/SBPC* v.36, n.12, 1984.

-----, *Mulheres na USP. Horizontes que se abrem*. São Paulo, USP/Humanitas, 2004.

Canabrava, Alice Piffer. “Esboço da História Econômica de São Paulo”. In Bueno, Ernesto S. (org.). *São Paulo – Terra e Povo*. Porto Alegre, Globo, 1967.

Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. “História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta”. In Meihy, J.C.S.B. (org.) *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996.

Pereira, Lígia Maria Leite. “Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias”. Texto apresentado na mesa redonda “A História Oral e as Tramas da subjetividade” – 3. Encontro Regional Sudeste de História Oral, Mariana, 1999.

Rosenthal, Gabriele. “A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas consequências metodológicas”. Ferreira, M. M. & Amado, J. (Coord.) *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

Sumário

Em comemoração aos 50 anos da fundação da USP, foi realizado um Encontro de mulheres que foram alunas nos primeiros tempos e seguiram a carreira docente. Eram pioneiras que contaram sua experiência; as narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas, resultando na publicação *Mulheres na USP: horizontes que se abrem*. Os relatos delineiam a sociedade da época, mostram as novas oportunidades abertas à mulher no contexto do ensino superior, os preconceitos enfrentados na família e sociedade, a luta para vencer obstáculos na carreira docente pelo fato de serem mulheres. Quanto ao aspecto metodológico, reflexões enfatizam a análise comparativa dos relatos; a questão da biografia, autobiografia e da história oral; a questão das temporalidades; a inserção dos testemunhos no contexto econômico, político e cultural do período e a posição da mulher.

Palavras chave: Universidade de São Paulo, Pioneiras, Relatos